



BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

PULSAÇÃO

SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE TENSÃO 3

GAIL MCHUGH

Ela o desejava tanto
que estava disposta a mudar
toda a sua vida por ele





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Dedicado às mulheres que precisam encontrar sua voz, força
e coragem. Nunca permitam que tirem o que lhes pertence.
Tomem de volta.*

Um último encontro perdido

COM OS OLHOS CHEIOS DE LÁGRIMAS, Emily encostou a cabeça na janela do táxi e observou as luzes de Manhattan, enquanto a expressão de Gavin indo embora passava por sua mente como um borrão. Quanto mais se aproximava do apartamento – e se distanciava do passado com Dillon –, maior era a sensação de que sua sanidade estava por um fio. A luz verde do relógio de pulso lhe informava que era quase uma da manhã. Havia um lampejo de esperança. Inquieta, ela fechou os olhos, rezando para que Gavin a aceitasse de volta. Quando o táxi finalmente parou, Emily tirou um bolo de dinheiro da bolsa e o entregou ao motorista, sem saber direito a quantia, enquanto saía apressada em direção ao ar frio de novembro.

– Ei! – berrou o taxista. – Não vai fechar a porta, moça?

Emily ouviu o homem, mas o ignorou. Os pés pareciam ter criado vida própria, mantendo-a naquele caminho incerto rumo ao que esperava ser um novo começo com o amor de sua vida. Abriu a porta e atravessou a portaria. O suor colava sua roupa à pele. Com a mão trêmula, apertou o botão do elevador. O nervosismo só aumentava, alimentado pela expectativa. Uma vez que as portas se abriram, ela entrou e se encostou à parede, física e mentalmente exausta, tentando controlar a respiração, o tremor do corpo e as lágrimas, que teimavam em descer. Não sabia qual seria a reação de Gavin.

Parecia impossível atenuar as emoções que invadiam seu corpo. As

portas se abriram para o que poderia ser um novo começo... ou fim. Emily permaneceu imóvel por um momento, os olhos fixos na parede do outro lado do corredor. Só o vislumbrar das portas se fechando conseguiu tirá-la da inércia. Ela se moveu a tempo de mantê-las abertas e, um pouco desorientada, saiu no andar da cobertura de Gavin. A vista de Emily turvou e sua mente girava, sem controle, tentando prever cada cenário possível. Esforçou-se para recordar as palavras que ele lhe dissera mais cedo, deixando o medo para trás a cada passo que dava em direção ao apartamento dele.

No entanto, a centímetros da entrada, o medo retornou com tudo, ancorando-se em seu peito. Ela bateu à porta e cada batida pareceu ecoar o palpitar feroz de seu coração. Secou as lágrimas, mas o corpo inteiro ainda tremia. Minutos se passaram sem que houvesse resposta.

Ela bateu de novo, com mais força e vontade.

– *Atenda, por favor* – recitou, como numa prece, tocando a campainha dessa vez.

Com lágrimas escorrendo-lhe pelas faces, espiou pelo olho mágico, imaginando-o do outro lado. A ideia de que ele pudesse estar observando-a, sem dizer uma palavra, era dolorosa demais e rasgava seu coração.

– Por favor – implorou ela, tocando a campainha outra vez. – Meu Deus, Gavin, por favor. Eu te amo. Eu sinto muito.

Nada.

Pegou o celular da bolsa e digitou o número dele. Com os olhos fixos na porta, ouviu o telefone tocar sem parar.

Você ligou para Gavin Blake. Você sabe o que fazer.

O coração de Emily ficou apertado ao ouvir a voz dele. Aquela voz doce a assombraria para sempre se ele não a aceitasse de volta. A voz que implorou para que acreditasse nele. Ligou outra vez, mas não conseguiu deixar um recado. Sua respiração seria a única mensagem que Gavin receberia.

Palavras... Não havia palavras.

Emily levou a mão à boca ao tomar consciência de que talvez ele nunca a perdoasse. Por dolorosos minutos, ficou em silêncio. Então, a dor explodiu em seu peito, seguida de uma torrente de lágrimas. Os gritos ecoavam pelo corredor. Dando um passo para trás, sentiu as costas baterem na parede. Seus olhos estavam fixos na porta de Gavin, a lembrança de seu rosto en-

tranhada na mente. Uma dor lancinante se ondulou e enroscou dentro dela quando, por fim, Emily decidiu ir embora. Seu coração afundava ainda mais no peito a cada andar que o elevador descia.

* * *

Com os ombros caídos e o ânimo abatido, Emily destrancou a porta de seu apartamento. A pequena luz acima do fogão projetava um brilho tênue através da sala de estar. Caminhando com cautela para não despertar Olivia, entrou no banheiro do quarto. Um manto de tristeza a envolvia.

Acendeu a luz e encarou o próprio reflexo no espelho. Os olhos verdes, antes tão cheios de esperança, não continham o menor sinal de vida. Correu os dedos pelo rosto, pálido e borrado de rímel. Eram sinais externos de seu coração doente. Espalmou as mãos sobre a superfície fria do mármore da pia, deixou pender a cabeça e chorou, sorvendo o ar e lutando contra a dor que tomava sua alma. Era o arrependimento, em sua forma mais brutal, que lhe apertava o pescoço com força e sem clemência.

Abriu a torneira e deixou que a água quente lhe salpicasse o rosto e limpasse a maquiagem. Secou-se com a toalha, apagou a luz e caminhou até o quarto. Exausta, deixou-se cair na cama, com a esperança de conseguir algumas horas de sono.

Mas não, isso não aconteceria.

Segundos, minutos e horas se passaram. O rosto magoado de Gavin e seus olhos azuis confusos continuavam a invadir sua consciência. Com a respiração vacilante, deitou-se de barriga para cima e encarou o teto. Durante as horas que se seguiram, ondas de dor penetraram seu coração.

Ela o havia deixado escapar.

* * *

Tentando ignorar o barulho ensurdecedor das turbinas do jato particular da Blake Industries, Gavin só pensava em Emily e se ela guardaria na memória os momentos que partilharam. Aquele era mesmo o fim? Ele de fato a perdera? Em menos de sete horas, ela seria de Dillon para sempre.

Pegou a mala na parte de trás do jipe de Colton, o coração ainda mais apertado enquanto ele contemplava o céu claro em meio à noite fria. Colton

se aproximou com uma expressão preocupada, a mesma que estampava no rosto quando Gavin fora encontrá-lo.

– Não precisa fazer isso, rapazinho! – gritou Colton, os cabelos escuros balançando ao vento das turbinas. – Deixar a cidade no meio da noite não vai trazê-la de volta.

Gavin não estava certo se partir seria a solução para apagar a marca que Emily gravara a fogo em sua alma. Tampouco se isso sanaria a necessidade de tê-la. A única coisa de que tinha certeza era... que precisava sair de Nova York. Dar o fora e se afastar do fantasma de Emily.

– Preciso sumir do mapa por um tempo, Colton – argumentou Gavin, passando a mão pelo rosto. – Não posso ficar aqui. Só garanta que nossas ações saiam das mãos do Dillon.

Colton suspirou fundo e assentiu.

– É a primeira coisa que farei na segunda de manhã. – Ele bateu no ombro de Gavin, o olhar se abrandando. – Você precisa estar bem quando voltar, ok? Prometa que vai esquecer a Emily de vez.

Gavin arfou ao ouvir o nome dela.

– Sim – respondeu ele, a voz grave. – Vou tentar.

Depois de se encararem por um tempo, Gavin subiu a escada que levava ao jato e observou o irmão deixar o pequeno aeroporto particular. Estava no meio do maior turbilhão de sua vida. Sem pensar duas vezes, Gavin pegou o celular do bolso da calça jeans e o atirou na pista de pouso. O aparelho se espatifou no chão. Estava falando sério ao dizer que sumiria do mapa. Não queria ninguém confortando-o ou tentando convencê-lo de que seus atos eram destrutivos. Depois de entregar as malas para a comissária de bordo, recebeu os cumprimentos do piloto:

– Boa noite, Sr. Blake. – Com os cabelos grisalhos caindo sobre a testa, o piloto apertou firme a mão de Gavin. – Tudo o que o senhor pediu já foi providenciado e devemos chegar a Playa del Carmen em pouco mais de quatro horas.

Gavin fez um curtíssimo meneio de cabeça e se dirigiu à cabine particular. Fechou a porta e seus olhos imediatamente pousaram sobre uma garrafinha de bourbon, que clamava por ele. Gavin a fitou com desprezo. A escuridão se infiltrava em seu corpo. Tirou o casaco e o jogou sobre a cama. Tentando afastar o demônio que invadia seus pensamentos, atravessou o pequeno espaço e pegou a garrafa com o líquido

âmbar que entorpeceria sua mente. Nem fez caso de um copo: abriu-a e levou-a aos lábios. O álcool queimou-lhe a garganta sem aliviar a dor nem um pouco.

Foi quando se deu conta de que jamais superaria a ausência de Emily. Bêbado ou sóbrio, ela habitaria seu coração e sua alma até o dia em que morresse. Ele a amava. Precisava dela como do ar à sua volta... Baixou a garrafa e correu a mão pelos cabelos, exausto, tentando afastar da memória a imagem dos lindos olhos de Emily. Caminhou até a janela, contemplando a cidade abaixo. Nada iria adiantar. Afogar as mágoas ou fugir não aplacariam o que sentia.

Ela se fora. À medida que o jato ganhava altitude, as luzes tremeluzentes sumiam e Gavin se perguntava quanto tempo seu luto duraria.

* * *

Quando a luz da manhã já fazia desaparecer as últimas estrelas, Emily se sentou na cama e foi até a cozinha. Não tinha dormido um único minuto e se sentia muito enjoada. Abriu a geladeira e pegou uma garrafa d'água. No instante em que Olivia surgiu, ela afundou numa cadeira.

– Humm, pelo visto o cuzão largou você aqui cedo esta manhã – comentou ela, irônica, olhando para Emily, e abriu um dos armários. – Que simpático da parte dele permitir que a noiva se arrume para o casamento na casa *dela*.

– Olivia, eu não...

– Antes que você defenda o Dillmonstro ou suas próprias ideias delirantes, Emily, quero que saiba como o Gavin ficou arrasado ontem à noite. – Olivia bateu a porta do armário com força. – Nunca o vi tão magoado.

Emily fechou os olhos, que estavam ardendo muito, o coração apertado diante da dor que havia causado a Gavin. Ela balançou a cabeça.

– Olivia, por favor. Eu não...

– Já sei, Emily. Você não está a fim de falar sobre isso – cortou ela, abrindo outro armário de supetão. – Ou, então, deixe-me adivinhar: você não acha que é uma burrice não acreditar no Gavin e se casar com o Dillon.

– Olivia – soltou Emily, se levantando. – Você não está me escutando. Eu não vou...

Olivia se virou bruscamente, estreitando os olhos castanhos.

– Eu odeio ter que dizer isto, Em, mas não vou estar presente hoje. Você

ama o Gavin e o Gavin ama você. Ponto final. Eu acredito nele, então, se você não acredita, está me forçando a tomar partido. – Ela pôs uma das mãos no quadril e correu a outra pelos cabelos louros e cheios. – Sinto muito, mas não vou ao casamento hoje.

– Ótimo, porque eu também não – sussurrou Emily, voltando a se sentar. – Não vou me casar com o Dillon.

Com os olhos arregalados de choque, Olivia esboçou um sorriso.

– Não vai? – perguntou, arfando e correndo para o lado de Emily.

Emily fez que não com a cabeça, depois caiu em prantos.

Olivia se ajoelhou ao seu lado e passou os braços ao redor da cintura de Emily.

– Ai, meu Deus, ai, meu Deus. Você saiu de vez da minha lista negra. Eu te amo pra caralho!

– Eu magoei o Gavin. – Emily quase engasgou ao dizer essas palavras.

– Eu quis acreditar nele, e até acho que parte de mim acreditou, só que eu estava com medo e, agora, é tarde demais.

Olivia pareceu confusa. Ela se levantou e puxou Emily consigo, depois pousou as mãos no rosto da amiga.

– Não é tarde demais. Assim que você telefonar, ele vai esquecer tudo. O Gavin te ama. Ele estava puto ontem à noite, mas morreria por você. Pode acreditar. Ele não parava de dizer isso.

Trêmula, Emily inspirou fundo.

– Eu fui até a cobertura do Gavin ontem à noite, mas ele não abriu a porta. – Ela se afastou de Olivia e se sentou numa cadeira, encolhida. – Liguei para o Gavin algumas vezes e ele não atendeu. Com certeza se encheu de mim, e eu mereço todo o sofrimento... – Emily balançou a cabeça. – Não consigo acreditar que tenha deixado isso acontecer.

– Ele não me deixou levá-lo para casa ontem à noite. – Olivia caiu de joelhos e agarrou a mão de Emily. – Do jantar de ensaio, ele foi para a casa do Colton. O que aconteceu o deixou um pouco mais sóbrio, mas estou quase certa de que o cara ainda não estava nas melhores. Pense em quanto ele estava chapado. São só sete da manhã. Gavin nem deve ter ouvido o telefone. Eu ligo para ele daqui a pouco, mas você precisa se acalmar, está bem?

Emily se desvencilhou lentamente e pressionou a base das mãos nos olhos. Assentiu, relutante, reprimindo um pouco a preocupação.

– Está bem, vou tentar me acalmar.

O esboço de um sorriso surgiu nos lábios de Olivia.

– Estou orgulhosa de você, Emily.

– Orgulhosa de mim? – questionou ela, limpando o nariz com o dorso da mão. – Por quê? Por ter magoado o Gavin? Não consigo tirar da cabeça a expressão dele.

O olhar de Olivia se abrandou e ela acariciou o rosto da amiga.

– Estou orgulhosa por você enfim ter enxergado que *merece* uma vida melhor com um homem que a ama de verdade e que se importa com o seu bem-estar. Talvez o Gavin fique magoado por um tempo, mas vocês dois vão ficar bem. Você vai ver.

Emily encarou Olivia e se permitiu um sopro de esperança. Torceu para que a amiga estivesse certa. Olivia se pôs de pé e olhou o relógio.

– Seu dia de “descasamento” deverá começar daqui a pouco menos de quatro horas. O que precisa que eu faça, além de sair e buscar café para nós duas? O daqui acabou... Definitivamente, você está com cara de quem precisa de uma xícara, e eu também adoraria uma. – Olivia foi até o armário do hall de entrada, pegou o casaco e o vestiu. – Quer que eu ligue para a sua irmã? – Ela parou no meio do caminho. – Ou melhor, quer que eu ligue para o seu ex-futuro marido e o mande à merda?

Emily se levantou e atravessou a cozinha. Pegou uma toalha de papel e assoou o nariz. A ideia de que Dillon notaria a ausência dela assim que acordasse lhe deu arrepios.

– Ele ainda não sabe.

Olivia franziu a testa.

– Como assim? Eu achei que...

– Saí depois que ele já tinha dormido – interrompeu Emily, passando a mão pelo rosto. – Ele não tem a menor ideia. Você é a única pessoa que sabe.

Olivia ficou boquiaberta, de olhos arregalados.

– Humm... Está bem. Eu posso estar errada, mas o noivo não deveria estar a par de uma coisa dessas?

Com um suspiro, Emily passou por Olivia e foi até o quarto, começando a vasculhar as gavetas da cômoda. Além de Gavin, desejava ardentemente uma chuva de longa e quente.

– É, Olivia. Eu preciso tomar um banho e, quando terminar, ligo para ele.

Olivia se encostou no batente da porta, o olhar preocupado.

– Você pode pelo menos esperar que eu volte do café? Vou entrar em contato com a Lisa e o Michael para eles saberem o que está rolando, certo?

Emily fechou a gaveta e olhou para Olivia.

– Pode deixar, eu espero. – Aproximou-se da amiga, a expressão cheia de ternura. – Obrigada.

Olivia segurou o queixo de Emily e o sacudiu de leve.

– De nada. Agora vai, entra no chuveiro. Volto daqui a alguns minutos.

Emily a observou sair. Depois que a porta da frente se fechou com um baque, não pôde deixar de sentir o pavor queimar-lhe o estômago. Confrontar Dillon, com ou sem Gavin a seu lado, não seria fácil. Suspirou, tentando ignorar aquela queimação incômoda. Dirigiu-se ao banheiro, colocou a calça e o casaco de moletom sobre a bancada e abriu a torneira. Enquanto o vapor quente espiralava pelo ar, despiu as roupas da noite anterior e se enfiou embaixo do chuveiro. Pegou o sabonete e o deslizou lentamente pela carne dolorida entre as pernas, lembrando-se do que Dillon fizera com ela.

Emily ficou cabisbaixa, envergonhada, e os cabelos castanho-avermelhados, encharcados, formaram uma cortina por cima do rosto. Cada um de seus músculos parecia contundido, mas a dor em nada se comparava à do coração partido, maltratado.

Mergulhou ainda mais fundo nos recessos escuros de sua mente, repassando sem parar os atos de Dillon na noite anterior. Não estava muito longe de um pesadelo. Permitira que ele se safasse de muitas coisas no decorrer do último ano. Deu-se conta da enormidade de tudo aquilo. Ficou sem fôlego ao tomar consciência de como se enganara acreditando que ele a amava e se importava com ela e com o relacionamento. A assoberbante e profunda obrigação que sentira com relação a Dillon a levava àquele exato momento. A raiva de si mesma fervia em seu corpo enquanto esfregava os braços, o rosto, as pernas, cada vez mais rápido e com mais força. Queria remover a existência dele de seus próprios poros. Aumentou a temperatura da água e se retraiu ao pensar em como deixara que ele manipulasse cada uma de suas ações.

Cada um de seus pensamentos.

Chorando, inspirou fundo e tentou se recompor. Não havia mais Dillon. Não havia mais casamento. Fim da linha. Atordoada, Emily enxaguou o corpo não apenas do sabão, mas do veneno malicioso que ele injetara em

sua alma. Saiu do chuveiro e se enrolou na toalha. De pé diante do espelho, olhou para a mulher da qual iria se despedir. Para sempre.

– Nunca mais – sussurrou. Balançou a cabeça, acariciou o próprio rosto e fechou bem os olhos. – Nunca mais.

Refletiu um instante sobre a loucura que estava por vir naquele dia, depois se vestiu, secou os cabelos e voltou para o quarto. Deteve-se quando ouviu o toque do celular: havia um recado à sua espera. Foi tomada ao mesmo tempo pela ansiedade de que fosse Dillon e pela esperança de que fosse Gavin. Engolindo em seco, aproximou-se da mesinha de cabeceira e estendeu a mão trêmula para o telefone.

A ansiedade e a esperança evaporaram ao constatar que era uma mensagem de voz de Lisa. Emily cedeu ao cansaço, afundou na cama e descansou a cabeça num travesseiro. Enquanto ela escutava a irmã, preocupada, a porta da frente se abriu com um rangido. Sentou-se, ainda ouvindo os últimos segundos do recado: Lisa e Michael estavam a caminho.

– Liv? – chamou Emily, desligando o telefone. Atirou-o sobre a cama, passou a mão pelo rosto e se levantou para ir até o outro cômodo. – Espero que você tenha comprado alguma coisa para comer enquanto...

Ela parou na porta da sala de estar, apavorada. Dillon estava casualmente encostado na bancada, bebericando suco de laranja. Seus olhos a percorreram.

– Quando acordei, você tinha ido embora, Emily. – Ele baixou o copo e foi até ela com um sorriso arrogante estampado no rosto. – Veio correndo se arrumar para se casar comigo hoje, é? – Ele roçou os dedos pelo rosto dela. – Achei uma boa ideia passar aqui antes de ir para a casa do Trevor me aprontar.

– Fique longe de mim, Dillon – sussurrou Emily, a voz trêmula. Deu um salto para trás, tentando esconder o medo que a dominava.

Dillon piscou, surpreso.

– *O quê?!* – perguntou, agarrando o braço dela.

Emily se desvencilhou e cambaleou para trás, chocando-se contra a cristaleira.

– Você me ouviu. Eu mandei você ficar longe de mim, *porra* – sibilou ela. – Para mim chega, Dillon. Acabou. Eu *não* estou mais disposta a ser sua vítima.

Antes que Emily pudesse reagir, ele a pressionou contra a parede, uma

das mãos agarrando-lhe os cabelos enquanto a outra segurava seu queixo. Passou a língua no seu lábio inferior e perscrutou-lhe o rosto.

– Você deu para ele, não deu?

Apesar de estar com vontade de gritar de dor, ela respondeu com escárnio:

– *Sim*, eu dei para ele. *Sim*, estou apaixonada por ele e, *não*, não vou me casar com você agora, aliás, *nunca*.

Mesmo aterrorizada, ela conseguiu sentir um certo alívio, que se enraizou em algum lugar lá dentro, bem fundo.

Emily fechou os olhos, permitindo que imagens de Gavin se entranhassem em seus pensamentos, mas um tapa de Dillon fez com que os abrisse novamente, assustada. O ardor percorreu seu rosto e ela começou a se debater contra o peito dele, tentando se libertar.

Com uma das mãos ainda emaranhadas em seus cabelos, Dillon a empurrou pela sala e a jogou no chão. Emily caiu de quatro e tentou se levantar, mas ele a agarrou pelos cabelos e a forçou para baixo.

– Seu doente de merda! – gritou ela, agarrando seus pulsos.

Dillon caiu de joelhos e puxou ainda mais os cabelos dela, obrigando-a a olhá-lo nos olhos.

– Depois de tudo o que eu fiz, você vai e trepa com ele pelas minhas costas?

Com a pulsação acelerada, Emily usou de todas as forças para arranhar e enterrar as unhas na pele de Dillon, tentando soltar o cabelo das mãos dele.

– Você não fez nada além de me arruinar! – gritou ela. Um sorriso zombeteiro surgiu em meio às lágrimas. – Eu queria ter dado para ele bem na sua frente!

Com um olhar vazio e gélido, mais escuro do que o céu noturno, Dillon golpeou de novo seu rosto. Emily sentiu o supercílio se abrir, a dor espetando-lhe a carne. Arquejou quando o sangue, quente e espesso, escorreu-lhe pela têmpora e pela bochecha.

Ainda agarrando seus cabelos, Dillon a ergueu e puxou seu corpo de encontro ao peito. Emily ousou olhá-lo nos olhos e engoliu em seco, a garganta apertada pelo medo: sua expressão lhe dizia que a tortura estava longe do fim. A adrenalina corria por suas veias e Emily cravou as unhas dos polegares em seus olhos, lanhando as pálpebras de Dillon, que soltou um uivo gutural.

Em algum lugar acima da confusão, a mente de Emily registrou o som

da porta da frente se escancarando seguido dos gritos de Lisa. Em meio a uma grande agitação, Michael correu até Dillon e o puxou pelos ombros, arrancando-o de cima de Emily. Os dois tropeçaram, com braços e pernas se debatendo em todas as direções. Michael aterrissou com as costas no chão e Dillon caiu por cima dele. O baque alto ecoou pela sala. Michael atirou Dillon para longe, rolou de lado e ficou de pé.

Lisa passou o braço pelos ombros de Emily e a apertou com força contra si enquanto a irmã chorava convulsivamente. Dillon se levantou, cambaleante.

Michael se atirou para a frente e deu um soco na boca de Dillon, abrindo um corte no seu lábio.

– Eu devia ter feito isso com você ontem à noite, seu merda!

Dillon se recompôs e agarrou o colarinho de Michael, mas, antes que pudesse fazer qualquer coisa, levou vários socos e desabou no chão.

Nauseada, Emily ouvia uma confusão de vozes, inclusive a de Olivia. Queria gritar, mas ficou paralisada, incapaz de emitir qualquer som. O apartamento se encheu de vizinhos preocupados e, depois de alguns minutos, dois policiais chegaram. Após uma breve explicação de Michael, um deles colocou Dillon de pé e algemou as suas mãos às costas.

– Você é a porra de uma piranha! – esbravejou Dillon, ofegante, cuspidando sangue na direção de Emily. – Nada além da porra de uma piranha! Espero que ele te coma e te largue, como faz com todas as outras, sua vagabunda!

Aquelas palavras venenosas assaltaram a mente de Emily. Sentiu-se como uma partícula de poeira minúscula se movendo em câmera lenta no meio de um furioso tornado. Apesar de toda a confusão de gente na sala cheia, ela não conseguia ver nada... exceto o rosto de Gavin. Embora um dos policiais tivesse ameaçado tornar inesquecível o pernoite de Dillon na cadeia, ela não conseguia ouvir nada... apenas o ribombar do próprio coração. A única coisa que sentia era seu total entorpecimento.

Desvencilhou-se do abraço da irmã e andou até Dillon, que tinha um sorriso arrogante nos lábios sangrentos. Olhando fundo na alma perversa do homem que amara por tanto tempo, para o qual se entregara por completo, deu-lhe um tapa na cara. Incapaz de controlar a angústia reprimida ao longo de todos aqueles meses infernais, ela continuou a esmurrar o rosto e o peito de Dillon, mesmo depois de suas mãos frágeis começarem a doer.

– Você fez isso comigo! – gritou, lutando contra um dos policiais. Fuzilando Dillon com os olhos, foi empurrada para trás. – Eu te amei e você se transformou em tudo aquilo no qual prometeu que nunca iria se transformar! E quer saber de uma coisa? – desferiu ela, ofegante. Dillon olhou por cima do ombro, não mais sorrindo, enquanto o policial o conduzia para fora do apartamento. – Se o Gavin me deixar e nunca mais falar comigo, eu vou merecer cada segundo de infelicidade.

Trêmula, Emily observou Dillon sair de sua vida tão depressa quanto entrara. Abraçou o próprio corpo e caiu de joelhos, as imagens de Gavin estilhaçando seu coração. Com um último resquício de força, Emily se encostou na mesinha de centro, enterrou o rosto nas mãos e se pôs a chorar. Lisa se sentou ao seu lado e aninhou a cabeça da irmã no seu ombro, embalando-a. Nesse instante, Emily se deu conta de que escapara de se tornar mais um número nas estatísticas de esposas violentadas.

Surpresa por ter deixado o relacionamento chegar àquele ponto, ela teve lampejos da mãe aceitando o mesmo tratamento brutal não só do pai, como de vários outros homens. As terríveis lembranças lhe deram calafrios.

– Calma, Emily – sussurrou Lisa, abraçando-a com mais força. – Já acabou.

Olivia se ajoelhou ao lado delas e perguntou com suavidade:

– Você está bem?

Entregou uma bolsa de gelo para Emily e abriu um estojo de primeiros socorros. Depois de colocar um pedaço de gaze com esparadrapo no ferimento do supercílio, Olivia franziu a testa.

Com os olhos marejados, Emily respondeu:

– Estou, eu estou bem, sim.

O policial remanescente se aproximou de Emily; seu corpo era estranhamente roliço e o uniforme não lhe caía nada bem.

– Senhorita, vou precisar de uma declaração sua. Os paramédicos devem chegar logo. Vão levá-la para o hospital se achar que deve ser examinada.

– Não. – Emily se contraiu ao encostar a bolsa de gelo na maçã do rosto inchada. – Não quero ir para o hospital.

– Tudo bem – respondeu o policial, olhando para a prancheta. – A senhorita pode recusar tratamento quando eles chegarem, mas, ainda assim, vão ter que aparecer por se tratar de violência doméstica.

– Emily, eu acho que você deveria ser examinada – opinou Michael, sentado no divã.

– Concordo – disse Lisa. Seu olhar transbordava preocupação.

Emily se pôs de pé, tentando controlar os pensamentos conflitantes. Deslocou-se, vacilante, pela sala, para verificar se Gavin retornara sua ligação. Lisa e Olivia se levantaram, apressadas, e a seguiram até o quarto.

– Em... – começou Olivia, confusa, segurando o braço de Emily com todo o cuidado. – Por que você não quer ir?

Emily lhe deu as costas e passou as mãos pelos cabelos. Pegou o celular e ficou consternada ao ver que não havia nenhuma ligação perdida de Gavin.

– Já disse que não, Olivia. Eu não preciso ir para o hospital. – Com os olhos marejados, ela desabou na cama. – Eu estou bem. Só preciso tomar umas aspirinas e dormir.

Os lábios de Olivia formaram uma linha rígida. Olhou para Lisa, que também se mostrava preocupada.

Lisa cruzou os braços e se encostou no batente da porta.

– Às vezes você é muito teimosa.

– Eu sei – sussurrou Emily. – Mas é sério, eu estou bem.

Olivia ergueu a cabeça e soltou o ar em direção ao teto. Então, voltou a encarar Emily e pôs uma das mãos no quadril.

– Quer saber por que não vou forçar a barra, amiga?

Emily fechou os olhos e balançou a cabeça.

– Por quê, Olivia?

– Bem, porque você deu umas belas porradas no Babackleberry Finn antes de ele ser arrastado daqui.

Emily virou-se de lado e abraçou os joelhos contra o peito. Normalmente, teria achado engraçado o comentário de Olivia. Mas não naquele momento. Não conseguia. Fez um enorme esforço para responder:

– Certo. – A tristeza embargava sua voz. Levou a bolsa de gelo até o rosto. Com os olhos úmidos de dor devido ao desconforto, fitou Olivia. – É, acho que dei mesmo. – Emily respirou fundo e se cobriu. – Quando os paramédicos chegarem, mande-os entrar. Mas, neste instante, eu só preciso mesmo descansar.

Olivia e Lisa assentiram. Sem mais uma palavra, deixaram o quarto.

Na meia hora seguinte, Emily preencheu a papelada requisitada pelo po-

licial e recusou tratamento quando os paramédicos enfim chegaram. Assim que o quarto se esvaziou e seus pensamentos se acalmaram, os olhos pousaram sobre o celular. Tomando-o nas mãos, empalideceu ao constatar que não havia nenhuma mensagem de Gavin. As lágrimas escorreram livremente por suas faces.

Sabendo que precisava explicar a dor que lhe infligira, discou seu número. Mordia a parte interna do lábio enquanto ouvia tocar. A ligação caiu na caixa postal. Ela já ia encerrar o telefonema, mas se deteve. Apreensiva, desejava-o agora intensamente, e a dor lhe apertava o peito.

– Gavin... eu... É a Emily – sussurrou, tentando não tropeçar nas emoções. – Não acredito que você vai voltar a falar comigo algum dia, mas preciso dizer umas coisas.

Respirou fundo e soltou o ar antes de seguir em frente:

– O Dillon me fez sentir menos viva, Gavin. Mas você... você me trouxe de volta à vida. Quando a Gina abriu a porta, naquela manhã, eu...

Emily fez uma pausa, enxugando as lágrimas.

– Fiquei com medo de você tê-la aceitado de volta, mas eu devia ter deixado que você se explicasse. Sinto muito. Com tantas garotas no mundo para se apaixonar, você foi logo me escolher. Sinto muito por não ter acreditado em você quando devia. Eu te amo, Gavin. Você dizia que me amava desde a primeira vez em que me viu, e eu também te amei desde o começo. Alguma coisa dentro de mim me disse que era para eu estar ao seu lado, mas eu lutei contra isso. No início, muitas coisas a seu respeito me assustaram, mas depois, você me mostrou quem é de verdade.

Incapaz de continuar lutando contra sua dor, Emily se pôs a chorar descontroladamente.

– Me perdoe, por favor, por ter lutado contra *nós*, Gavin. Por favor, me perdoe por não lutar a nosso favor quando eu sabia que era para a gente ficar junto. Me perdoe por ser fraca. Mas, acima de tudo... obrigada por me amar. Obrigada por seu sorriso de covinhas e por suas tampinhas. Eu nunca mais vou conseguir olhar para uma sem pensar em você. Obrigada por seus Yankees idiotas e por suas observações espertinhas. Obrigada por querer fazer passeios de carro tarde da noite comigo e assistir ao pôr do sol. Obrigada por querer tudo comigo, o bom, o ruim e tudo o que há entre um e outro.

Emily fez uma pausa e balançou a cabeça, mas, antes que pudesse dizer qualquer outra palavra, a caixa postal a cortou, o longo bipe avisando que o tempo havia se esgotado.

– Me desculpe por ter mostrado apenas o meu lado ruim – sussurrou ela, fitando o teto e pressionando o telefone contra o peito.

Entorpecida

ÀS VEZES, QUANDO QUERIA manter distância de alguma coisa, Emily sentia um entorpecimento invadi-la. Nesses momentos, era bem-vindo o veneno que assolava sua vida. Recebia-o como se fosse o doce perfume das rosas. Era o tipo de torpor que, ela poderia dizer, a “purificava”. No entanto, sentada no café do Bella Lucina, rabiscando números no bloquinho de pedidos, experimentava um entorpecimento inédito, que se enraizava em seu coração como uma espessa erva daninha. Era insuportável.

Por 216 horas... sentindo-se morta.

Por 12.960 minutos... sentindo-se perdida.

Por 777.600 segundos... sentindo-se completamente entorpecida.

Dia após dia, sua concentração, cuidadosamente tecida por fiapos de esperança, ia se desfazendo. Ia se perdendo. Até mesmo durante o sono a mente se deixava ficar em Gavin; os sonhos eram perigosos porque faziam com que se lembrasse de que ele se fora. Ele havia se transformado num lindo vapor que desaparecera em meio ao nada, levando consigo a própria existência de Emily.

Abandonada, com os pensamentos estraçalhados, Emily sofria sabendo que ele a amara quando ela menos merecera. Não. Isso não era algo para o qual já estivesse preparada, embora soubesse que precisava se responsabilizar por cada hora, minuto e segundo.

– Levei outra rodada de bebidas para a mesa doze por você – avisou Fallon, sentando-se ao lado de Emily.

Com a cabeça baixa, ainda imersa na quantidade de tempo que se passara desde a partida de Gavin, Emily não respondeu.

– Também pediram macarrão com legumes para o macaco que se juntou ao grupo. – Sem entender, Emily acabou erguendo a vista para Fallon, que acrescentou: – Pois é, encontraram o bicho no acostamento da estrada. Parece que um circo se livrou dele.

Fallon fez um coque desganhado com os cabelos.

– Você disse alguma coisa sobre um macaco? – perguntou Emily, a voz soando confusa. – E quando foi que você pintou o cabelo de azul?

– Não. Eu não falei nada sobre um macaco. – Fallon arqueou uma das sobrancelhas e apoiou a cabeça nas mãos, recostando-se na bancada. – Já está azul há três dias e você já tinha visto.

– Ah.

Emily voltou a rabiscar os números.

– O que é que você tem aí? – Antes que Emily pudesse responder, Fallon puxou o bloquinho de suas mãos. – O que é esse bando de números?

– Não é nada.

Emily o pegou de volta.

Franzindo a testa, Fallon examinou o rosto da amiga.

– Caipirinha, não estou tentando ser depressiva ou sinistra, mas isso aí não é nenhuma contagem regressiva até você se matar, é?

Com os olhos arregalados, Emily se recostou na cadeira.

– Cruzes, Fallon, você acha mesmo que eu faria uma coisa dessas?

– Responde à pergunta, Caipirinha. Isso é algum tipo de contagem regressiva?

Emily suspirou e bateu com o bloquinho na bancada de granito do bar.

– Nove dias se passaram desde que ele foi embora, Fallon. Nove dias desde que eu o destruí por completo. Eu liguei e ele não atendeu.

– Certo, mas ele não tem atendido às ligações de ninguém. – Fallon passou o braço pelos ombros de Emily. – Outro dia, o Colton disse ao Trevor que ele nem o atendeu.

– Ok, mas ele não foi embora por causa do Colton. Foi por minha causa. – Emily balançou a cabeça, lutando para controlar as lágrimas. – Ele me deu o coração e eu o joguei fora. Fiz ele deixar a família, os amigos... a vida dele.

– Emily, em primeiro lugar, você precisa parar de se castigar. Consi-

derando o que você viu naquela manhã, ele tem sorte de você acreditar nele. Não estou dizendo que não deva, mas, fala sério, aquilo foi duro. Em segundo lugar, ele foi embora porque achou que você ia se casar com o Dillon. Assim que descobrir que não se casou, ele vai voltar imediatamente.

– Ele já sabe que eu não me casei com o Dillon – sussurrou Emily, o coração se despedaçando outra vez. – A Olivia me contou que o Colton deixou um recado com a empregada dele avisando que eu desisti de tudo.

– Ah. Eu não sabia disso – murmurou Fallon, desviando os olhos. Ela enrolou uma mecha dos cabelos e voltou a encarar Emily. – Quem sabe ele precise de um pouco mais de tempo?

– Eu não sei mais o que pensar. – Emily massageou as têmporas. – Só sei que estou perdida sem ele.

Antes que Fallon pudesse dizer qualquer coisa, Trevor se esgueirou por trás dela e cutucou sua costela.

Fallon se virou bruscamente.

– Trevor! – guinchou, chamando a atenção indesejada de Antonio.

Ele a olhou de cara feia, do outro lado do restaurante. Fallon mordeu o lábio e articulou “Desculpe”, sem emitir som. Antonio balançou a cabeça e continuou a almoçar.

– Babaca – sussurrou Fallon, afastando Trevor.

O namorado riu e deu um beijo na cabeça dela.

– Desculpe, esqueci que você sentia cócegas.

– Claro que esqueceu, idiota. – Fallon fez uma careta e se levantou. – O que está fazendo aqui tão cedo? Você sabe que só saio daqui a duas horas.

– Na verdade, eu vim conversar com a Emily. – Trevor olhou para Emily com um sorriso reservado. – Já está de saída?

– Não, ainda não. – Emily ficou de pé, pegando o bloquinho e enfiando-o no bolso do avental. – Ainda tenho meia hora até o fim do turno.

– Caipirinha, eu posso ficar de olho nas suas mesas enquanto você conversa com o meu namorado *esquecido*. – Depois de olhar para Trevor de cara feia, Fallon passou o braço pelos ombros de Emily. – Eu cuido das suas tarefas paralelas e até mesmo me certifico de que o macaco da mesa doze coma sobremesa.

Trevor coçou o queixo.

– Macaco?

– É, um macaco.

Fallon deu um tapinha nas costas do namorado e uma piscadela na direção de Emily. Trevor deu de ombros.

– Vai nessa. Conversa com ele e eu ligo mais tarde.

– Tem certeza? – perguntou Emily, soltando o rabo de cavalo.

– Tenho. Eu ligo para você hoje à noite.

Fallon deu um beijinho na bochecha de Trevor e se afastou.

Trevor olhou para Emily.

– Quer se sentar num reservado?

– Claro. – Emily desamarrou o avental e passou para trás da bancada. – Quer alguma coisa para beber?

– Não, não precisa. Obrigado.

Depois de preparar um *espresso* duplo para si mesma, conduziu Trevor até um reservado nos fundos do restaurante. Emily deslizou pelo assento e bebericou o líquido quente. Como, nos últimos dias, quase não dormira, tinha esperança de que o choque da cafeína trouxesse seu organismo meio zumbi de volta à vida.

Trevor encarou Emily, o olhar repleto de remorso.

– Em primeiro lugar, quero dizer que me sinto como um babaca por causa dessa história toda com o Dillon.

Emily se remexeu no assento, surpresa com a súbita declaração.

– Ora, Trevor, nada disso é culpa sua.

– Não, Emily, sério. Você precisa me ouvir, está bem?

Relutante, Emily assentiu.

– Me desculpe, é a primeira vez que venho ver você desde que a merda toda aconteceu. Parte de mim quis aparecer no dia, mas, no fim, não consegui. Durante o último ano, fiquei assistindo enquanto ele a botava para baixo, sem dizer a porra de uma palavra. – Trevor fez uma pausa, mexendo nervosamente na toalha de linho branca. – Eu me lembro de como você era vibrante quando começaram a namorar e, pedacinho por pedacinho, ele foi dismantelando você. Não me entenda mal, acho que eu sabia que as coisas estavam começando a ficar ruins. Eu só não imaginava quanto.

Trevor se recostou e balançou a cabeça.

– Quer saber de uma coisa? Foda-se. Eu preciso aceitar a minha responsabilidade. Eu vi tudo. Vi com os meus próprios olhos e deveria ter dado fim àquilo. Eu poderia ter feito isso. Eu tive uma porcaria de bate-boca com

o Gavin porque ele estava vilanizando Dillon. Achava que era porque estava apaixonado por você. – Trevor passou as duas mãos pelos cabelos e soltou um suspiro. Então, voltou a falar, a voz já um sussurro: – Puta merda, o Gavin é o meu melhor amigo desde que a gente era criança e eu não fiquei do lado dele durante nada disso. Fiquei olhando o Dillon dar um soco nele no seu jantar de ensaio e não fiz porra nenhuma. Porra nenhuma!

– Trevor, por favor. Você não...

– Não, espere aí. Deixe eu terminar, Emily.

Mais uma vez, Emily aquiesceu.

– A Olivia e eu fomos criados por um pai que nunca falaria com a nossa mãe da maneira que o Dillon falava com você. – Trevor fitou Fallon, que preparava um bule fresco de café atrás do bar. – Caramba, eu a amo e nunca conseguiria imaginar alguém tratando-a da forma que o Dillon a tratava. Eu amarelei e espero que você e o Gavin me perdoem por ser tão covarde. Mas o que passou passou. A única coisa a fazer agora é tentar endireitar a situação. Saí da Morgan & Buckingham. Nem vi o babaca quando fui pegar as minhas coisas, mas, para mim, chega dele e das merdas que ele apronta. Eu disse que a considerava a minha segunda irmã e estava falando sério. Um irmão nunca permitiria que a irmã fosse tratada daquela maneira. – Trevor estendeu a mão em direção à de Emily. – Eu só preciso saber que você me perdoou.

Com lágrimas escorrendo, Emily apertou a mão de Trevor, os pensamentos desordenados.

– Eu não posso perdoar porque nunca culpei você ou qualquer outra pessoa por isso. Desempenhei o papel principal permitindo que ele fizesse isso comigo, então não quero que você se sinta responsável.

– Bem, eu me sinto, sim, responsável.

– Não, Trevor. Eu deixei que ele fizesse isso comigo. – Emily soltou a mão de Trevor e apontou para o próprio peito. – Eu, não você.

– Mas você presenciou tanta coisa quando era pequena... A Olivia me contou que a sua mãe trocava um filho da puta por outro. Imagino que isso tenha alguma coisa a ver. Mas eu... eu não tenho desculpa alguma.

A lembrança dos relacionamentos destrutivos da mãe deixou um gosto amargo na boca de Emily. Seu olhar se desviou de Trevor e se deteve em um casal que entrava no restaurante. O riso deles ecoou enquanto Fallon os acompanhava até a mesa.

– É verdade, era assim. Mas eu não precisava seguir os passos dela...

Lutando para manter a compostura, ela encarou Trevor.

– Bem, você deu o primeiro passo, Em, e estou orgulhoso de você por ter feito uma acusação formal e por ter tomado medidas judiciais de proteção contra ele. Como o Gavin está longe, se o filho da puta tentar entrar em contato com você, ligue para mim, está bem?

Emily passou a ponta dos dedos pela ferida que cicatrizava acima da sobrancelha.

– Pode deixar. Obrigada. – Ela hesitou um instante e pigarreou antes de acrescentar: – Posso perguntar uma coisa?

– Claro.

– Você ligou para o Gavin e deixou recados, certo?

– Isso.

Emily respirou bem fundo, retorcendo as mãos sobre o colo.

– Por favor, me diga que você não contou o que o Dillon fez comigo.

– Não, eu achei que contar isso por telefone não era o certo. Mas, quando ele voltar, pretendo conversar com ele a respeito, sim.

– Por favor, me escute. Eu não quero que Gavin saiba o que aconteceu. Ele vai... Eu não sei. Mas, por favor, você podia não dizer nada?

Trevor inclinou a cabeça para o lado e perguntou, confuso:

– Está me pedindo para esconder dele o que aconteceu?

Emily engoliu em seco, sentindo uma pontada de apreensão.

– Estou. Ele já foi magoado o suficiente durante essa história toda. Se ele souber, vai atrás do Dillon.

– Por que você está tentando proteger aquele monstro? – questionou Trevor, o choque estampado em suas feições.

– Meu Deus, Trevor, eu não estou tentando protegê-lo. Estou tentando proteger o *Gavin*. Ele já ficou devastado. Se descobrir, com certeza vai atrás do Dillon. E Deus me livre se ele o machucar de verdade e parar na cadeia. Ou o Dillon poderia machucá-lo de verdade. Eu não conseguiria suportar isso. Já causei dores de cabeça demais para o Gavin.

– Baixando a vista, Emily enxugou os olhos. – Por favor – sussurrou –, não fale nada.

Trevor passou uma das mãos pelos cabelos, pousando-a na nuca.

– Olha, eu não vou mencionar nada, mas o Gavin conhece o Dillon. Ele sabe que o Dillon não deixaria você sair da vida dele tão facilmente. Mas eu

tenho que ser franco, Em, se ele me perguntar se alguma coisa aconteceu, eu não vou mentir.

Emily pressionou as têmporas.

– Sinto muito. Não devia pedir para você mentir por mim.

Trevor piscou algumas vezes e ajeitou os óculos no nariz.

– Não se desculpe. Essa história toda é uma merda. Só me prometa que vai contar a ele se vocês dois se acertarem.

– Claro, claro – zombou Emily. – Ele nem ao menos retornou as minhas ligações. – Fitando o casal sentado do outro lado do restaurante, tentou ignorar o peso na boca do estômago. – Não quer mais saber de mim.

– Eu acho que a cabeça do Gavin está meio tumultuada no momento, mas ele está apaixonado por você, Emily. Tenho certeza de que, quando ele voltar e olhar para você, não vai ser capaz de resistir. – Trevor se levantou e colocou a mão no ombro dela. – Vamos torcer para que ele não fique longe pelos próximos seis meses.

Com a sensação de que Trevor acabava de arrancar o único pedaço que ainda restava do seu coração, Emily tentou respirar. Pôs-se de pé e o olhou fundo nos olhos, a voz trêmula.

– Você acha que ele ficaria fora tanto tempo assim?

– Em, não foi isso que eu quis dizer.

– Foi, sim. O que levaria você a dizer uma coisa dessas?

Trevor mordeu o lábio e, brevemente, desviou o olhar, dando de ombros.

– O Gavin consegue sumir quando quer. Eu não sei quanto tempo ele vai ficar fora.

Totalmente desorientada, Emily levou a mão à boca.

– Ah, meu Deus, eu não posso... Ele não pode...

Abriu caminho em direção ao bar, os pés se deslocando mais rapidamente do que o corpo conseguia compreender. Enfiou a mão debaixo da bancada em busca da bolsa, do casaco e do cachecol, o coração batendo a toda.

– Olha, eu não devia ter dito aquilo. – Trevor se aproximou, a expressão carregada de remorso. – Ele pode voltar amanhã...

– Ou daqui a seis meses – completou Emily, passando por ele.

Sentiu um aperto de pânico no peito. Um calafrio a percorreu quando saiu do restaurante. Com os pensamentos em velocidade vertiginosa, Emily vestiu o casaco de qualquer jeito e quase correu em meio ao aglome-

rado de pessoas que atravancavam a calçada. Buzinas, conversas e sirenes a rodeavam, mas ela não conseguia ouvir nada daquilo. Estava surda a tudo.

O único som que escutava era a voz de Gavin sussurrando em seu ouvido, a risada de Gavin zumbindo pelo ar e o coração de Gavin embalando-a até ela dormir. As lágrimas começaram a cair quando pensou que ele poderia ficar longe por tanto tempo. Nove dias já haviam destroçado seu coração. Sabia que seis meses a matariam.

À medida que a fachada do Edifício Chrysler ficava visível, a dúvida com relação ao que estava prestes a fazer a deixava arrepiada. No entanto, isso não iria detê-la. Antes que se desse conta, entrou no lobby. E sentiu o ar ser expulso dos pulmões.

Emily deu de cara com um homem de costas que estava apoiado no balcão de informações. Sua vista se nublou diante dos cabelos escuros e do porte físico semelhantes ao de Gavin. Ficou completamente paralisada ao observá-lo enfiar a mão no bolso da calça de forma displicente e passar a outra pelos cabelos da mesma forma que fazia Gavin. Sem fôlego, Emily caminhou devagar em sua direção. Involuntariamente, ergueu uma das mãos, trêmula, e bateu em seu ombro. Ansiando por Gavin, tentou sentir o cheiro do seu perfume antes de ele se virar. Porém, foi brindada por olhos desconhecidos, por um rosto desconhecido, por um sorriso desconhecido. Seu coração se contraiu.

– Posso ajudá-la? – perguntou o homem.

Incapaz de se mover, de falar ou de pensar, Emily encarou o estranho. Atingida por uma súbita onda de náusea e tontura, abriu a boca para tentar dizer alguma coisa. Nada saía.

– A senhorita está bem? – Hesitante, o homem pousou as mãos nos braços de Emily. – Está com cara de quem vai desmaiar.

Emily pigarreou, balançou a cabeça e foi se afastando.

– Eu... eu sinto muito. Eu pensei...

Não conseguiu terminar a frase. Virou-se e se espremeu no elevador cheio, a compulsão de ir em frente quase irresistível.

– Qual é o andar? – perguntou uma mulher vestindo um terno vermelho de sarja.

Emily tentou voltar à realidade, demonstrar algum indício de equilíbrio mental enquanto olhava para a mulher. Mas não teve sucesso.

– Não tenho certeza.

A mulher riu e deu de ombros.

Um homem mais velho, de sorriso simpático, indagou:

– Qual é o nome da empresa que a senhorita está procurando?

– Blake Industries – respondeu Emily, levando a mão à testa.

– Ah, eu conheço a empresa. E também conheço os dois carismáticos proprietários. – Ele fez um gesto de cabeça na direção da pouco amigável mulher de terno que espiava por cima do ombro dela. – Fica no sexagésimo segundo andar. Seja boazinha e aperte para esta jovem.

Juntando todas as forças, Emily sorriu para o homem, que lhe deu uma piscadela. Enquanto o elevador subia, não pôde deixar de se lembrar dela e de Gavin naquele mesmíssimo elevador, na primeira vez que o vira. Embora agora metade do espaço ali estivesse ocupado ainda era como naquele dia, quando só havia eles dois.

– *Ela não é minha namorada, caso você esteja se perguntando.*

– *E quem disse que eu estava?*

– *E quem disse que você não estava?*

A lembrança se foi quando o senhor cutucou-lhe o braço para avisar que haviam chegado. Ela afastou o súbito impulso de deixar o prédio. Assentindo em sinal de agradecimento, Emily passou apressada pelos outros ocupantes do elevador e saiu. Contemplou a parede de vidro jateado com os dizeres “Blake Industries”. Engoliu em seco e se dirigiu à recepcionista sentada atrás da bancada de mogno alta em formato de meia-lua.

A mulher de cabelos escuros ergueu a vista da tela do computador, o sorriso acolhedor e afetuoso.

– Posso ajudá-la?

De alguma forma, Emily conseguiu sorrir.

– Pode, sim. Eu gostaria de falar com Colton Blake.

– Sinto muito, mas, no momento, o Sr. Blake está numa reunião. Se quiser, pode se sentar e esperar por ele. Não deve demorar mais do que dez minutos. – Ela indicou uma espécie de sala de espera próxima de uma dúzia de baias. – Pode me dar o seu nome, por favor?

– Emily Cooper.

– Eu avisarei que a senhorita está à espera.

A mulher abriu mais um sorriso.

– Obrigada.

Emily já ia se virando, mas sua atenção foi atraída por uma porta de escritório que se abria. Teve um ataque de nervos ao ver Colton sair, sua risada grave e vigorosa pairando no ar enquanto apertava a mão do homem que deixara a sala com ele. Emily sentiu-se mal quando seus olhares se cruzaram.

A atitude descontraída de Colton desapareceu quase que de imediato e seu rosto ficou sem nenhum vestígio de emoção. Com a boca ligeiramente aberta, ele olhou dela para o parceiro de negócios. O corpo de Emily se retesou e ela o observou passar a mão pelos cabelos e tentar recuperar o sorriso simpático de segundos antes. Puxando com nervosismo a bainha da camisa branca do restaurante, aguardou que ele conduzisse o homem até os elevadores. Colton a fitou antes de se despedir do cliente uma última vez.

– A gente coloca os assuntos em dia na semana que vem, Tom – disse Colton, apertando o botão do elevador. – Fale para a Ellie que mandei lembranças e que a minha mãe deve ligar em breve para elas tomarem um brunch juntas.

– Pode deixar – respondeu o homem com um rápido aceno da cabeça antes de desaparecer dentro do elevador.

– Sr. Blake – chamou a secretária –, a Srta. Cooper está à sua espera.

– Eu já tinha visto. Obrigado, Natalie. – Virando-se para Emily, Colton baixou a cabeça em sinal de cumprimento. – Emily.

– Oi, Colton.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele, claramente na defensiva. Inquieta, Emily olhou fundo naqueles olhos verdes perscrutadores. Engoliu em seco.

– Preciso falar com você.

– Isso é óbvio.

– Então por que perguntou? – rebateu ela, inclinando a cabeça em sinal de indagação.

Colton ergueu uma das sobrancelhas, um sorriso afetado repuxando o canto da boca.

– Vamos conversar.

Seguindo-o, Emily tentou afastar a náusea de nervosismo que fervilhava em seu estômago. Já na sala, Colton fechou a porta e tirou o paletó. Sem dizer uma palavra, indicou-lhe uma poltrona diante da mesa. Depois de tirar o casaco e o cachecol, Emily se sentou, os pensamentos lutando contra um

forte desejo de partir. Mas não faria isso. Não podia se esquecer do motivo que a levava até ali. De rabo de olho, viu Colton pendurar o paletó num armário e voltar à mesa, acomodando-se confortavelmente na cadeira.

– Você o magoou, Emily – afirmou ele, encarando-a com seus olhos penetrantes.

A saudade já assolava o coração dolorido de Emily, mas, de alguma forma, essas palavras a intensificaram muito além de qualquer medida.

– Eu sei. Eu sei disso melhor do que ninguém. – Emily se esforçou para que a voz não falhasse. – Mas eu o amo e tenho que endireitar as coisas. Você disse para a Olivia que ele saiu do país. Preciso que me diga onde ele está, Colton.

Ele bufou.

– Você o ama? Por que será que eu não consigo acreditar nisso?

Emily se recostou, chocada, mas Colton foi em frente:

– E como pretende ajeitar as coisas? Mesmo se eu disser onde ele está, quem garante que ele vai querê-la de volta? Você não viu como ele apareceu na minha casa aquela noite. A expressão nos olhos dele. A mágoa em suas feições. – Colton deu de ombros com displicência, uma certa presunção em sua voz. – Ah, claro, como poderia ter visto? Estava ocupada demais, curtindo o seu jantar de ensaio.

Uma tensão pesada caiu sobre a sala, quase esgotando o oxigênio dos pulmões de Emily. A ironia foi como um tapa na cara. Já incapaz de controlar as emoções, ela piscou, com lágrimas nos olhos.

– Eu paguei por aquela noite de diversas maneiras. Eu me torturei de uma forma que ninguém jamais vai imaginar.

Passou por sua cabeça todo o castigo que Dillon lhe infligira por seus atos e indecisão. Por mais que amasse Gavin, recusava-se a se sujeitar às acusações de Colton de que ela desfrutara de qualquer coisa naquela noite tenebrosa. Levantando-se canhestramente da cadeira, levou a mão ao peito e despejou a verdade:

– Você não tem a menor ideia de quanto eu amo o seu irmão. Não consigo respirar sem ele. Não consigo dormir. Eu mal como. Não, de início eu não acreditei nele. Não podia. Naquela manhã, abri a porta e fui parar no passado dele quando achei que eu era o seu futuro. Aquilo me matou. Meus instintos me mandaram sair correndo, então foi o que fiz e, agora, estamos os dois sofrendo por isso.

Cobrindo a boca, Emily olhou para o chão, o coração descompassado no peito. Lentamente, voltou a encarar Colton, os olhos verdes desesperados e suplicantes.

– Não sei se ele vai me querer de volta. Na verdade, não acho que vai. Eu nem sei se ele vai olhar para mim, já que eu mal consigo olhar para mim mesma. Só sei que preciso vê-lo. Preciso dizer quanto eu sinto pelo que aconteceu. Mesmo que isso signifique que eu vá me expor. – Emily inspirou fundo e estreitou os olhos. – Mas não *ouse* me dizer que eu não o amo, porque você está errado.

A expressão de Colton agora era de compreensão e compaixão. Levantando-se, pegou uma caneta e um *post-it*, rabiscou alguma coisa e lhe entregou o minúsculo papelzinho.

– Eis o endereço da casa dele e o bar de praia onde você provavelmente o encontrará. – Colton enfiou a mão no bolso da calça e sacou a carteira. Contou algumas notas e deu um sorrisinho. – Embora eu não gostasse tanto assim de você antes, não vou deixar que pague a conta por ir lá atrás do espertinho. – Colton pegou a mão de Emily e enfiou o dinheiro nela. – Não faz o meu estilo.

Olhando para as cédulas, Emily fungou e balançou a cabeça.

– Não posso aceitar isto. Já me basta saber onde ele está. – Ela tentou devolver o dinheiro.

– Eu insisto. – Com cuidado, afastou a mão dela. – Além do mais, são só algumas centenas de dólares. O jato vai levá-la até lá. Vou providenciar todo o resto, incluindo o seu hotel. – Colton enfiou as mãos nos bolsos. – Embora eu espere o contrário, precisamos partir do pressuposto de que... bem, de que ele pode não ficar entusiasmado com sua aparição.

Emily assentiu. Enquanto juntava os pertences, tentou afastar essa hipótese assustadora da cabeça, mesmo sabendo que talvez tivesse que encarar uma reação dessas. Vestiu o casaco e encarou Colton por um instante.

– Você teve alguma notícia dele?

– Não. Ainda não.

O medo perfurou o estômago dela como uma faca.

– Como sabe que ele chegou lá? Alguma coisa pode ter acontecido com ele.

– Pode acreditar, eu conheço o meu irmão. Nada aconteceu – afirmou Colton com convicção, acompanhando Emily até a porta. – Só ele poderia se fazer algum mal.

Emily arregalou os olhos e ficou de boca aberta.

– Você não acha que ele...

– Não. Não – interrompeu Colton. – Não foi isso que eu quis dizer. Deixa pra lá.

A tensão que pesava sobre os ombros de Emily se dissipou como folhas ao vento. Com a voz baixa, ele acrescentou:

– Perdoe a minha crueza. Ele é o meu irmão mais novo e, embora seja um torcedor fanático dos Yankees... odeio isso, porque sou um torcedor fanático dos Mets... eu meio que gosto muito dele.

– Eu meio que gosto muito dele, também – sussurrou Emily, baixando a cabeça. Em seguida, fitou os olhos de Colton, que continham traços de Gavin. – Gosto muito mesmo.

– Eu sei, mas você não precisa *me* convencer. Tem que ir lá e provar isso a ele. Vou pedir para a minha assistente passar as informações necessárias.

Emily abraçou a bolsa, os olhos cheios de gratidão.

– Obrigada, Colton.

Colton meneou a cabeça e abriu a porta.

As lágrimas rolavam pelas faces de Emily. Um misto de alívio e medo inundou seu corpo já no elevador onde tudo havia começado. Uma perigosa tempestade assaltou seus nervos, aumentando-lhe os batimentos cardíacos. Seus músculos estavam enrijecidos com a tensão. Embora não soubesse se seria bom aparecer sem aviso para tentar salvar qualquer tipo de relacionamento com Gavin, Emily sabia que não podia acrescentar mais números aos segundos que só faziam crescer, mantendo-os separados.

Tique-taque...

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br